

# PROJETO PARAGUAÇU: CONSTRUINDO A COMUNIVERSIDADE <sup>1</sup>

Nalva Santos<sup>2</sup>  
Hildonice de Souza Batista; Nelma Barbosa, Bruno Saphira, Islana de Oliveira e Ivan Faria<sup>3</sup>  
Luis Felipe Perret Santos Serpa<sup>4</sup>

## INTRODUÇÃO

Ao observar-se as pesquisas acadêmicas atuais, percebe-se um significativo empreendimento em torno do conhecimento e do avanço tecnológico que acarretam relevantes transformações sociais, muitas vezes, com benefícios inegáveis à qualidade de vida humana, mas que por outro lado, produzem um campo de exclusão social e de desqualificação do coletivo humano.

O início do século XXI traz consigo uma reavaliação desse processo competitivo, nocivo e excludente, o que solicita do meio acadêmico criar outras possibilidades de participação social que tenha como meta a solidariedade, a cooperação, a ética e, acima de tudo, a convivência harmoniosa com outros valores e outras culturas. Tais acontecimentos desafiam a Universidade hoje, e levam-na a (re) pensar outros territórios, outros valores em que o saber também é construído. Logo, faz-se necessário trabalhar por um tipo de procedimento que não faça da comunidade uma mera cobaia, um mero laboratório para os arcabouços de teorias acadêmicas.

O artigo que ora se apresenta está baseado no Projeto Paraguaçu. Este tem a sua origem no programa denominado *UFBA em Campo II*, ligado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia e com o apoio da Faculdade de Educação/UFBA.

O Projeto conta com o fundamento teórico e a orientação de dois coordenadores, desenvolvendo-se desde agosto de 1999, com a participação de estudantes de diferentes cursos da UFBA, no distrito rural de Santiago do Iguape, município de Cachoeira – recôncavo da Bahia. É financiado pela FAPESB - Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia.

O objetivo maior do Projeto é o do levantamento de possibilidades latentes, negligenciadas ou reprimidas na relação entre Universidade e Comunidade – o que pretere a constituição de novos territórios. Não se trata da sobreposição de saberes, mas de um construir coletivo que repercute tanto na universidade como na comunidade, constituindo um entre-lugar – aqui denominado de “**Comuniversidade**”.

A filosofia do Projeto Paraguaçu tem como base a vivência de contextos comunitários e a convivência entre sujeitos (Comunidade e Universidade), criando esses entre-lugares que denominamos de COMUNIVERSIDADE<sup>5</sup>. Estes constituem o ponto de partida para dimensionar novos caminhos para o desenvolvimento humano local e criar novos objetos e abordagens para a formação profissional e para a práxis da Universidade.

A nova parceria firmada com a FAPESB marcou uma segunda fase do projeto que, no entanto, conserva sua filosofia inicial. A mudança de perspectiva, consequência da familiarização com a história e com os moradores locais, veio naturalmente. Intensificamos, pois, a rede de relações outrora construída, reatando os seus nós e tecendo novos fios.

Dessa forma, as nossas atividades em campo intencionaram prover a viabilização de iniciativas coletivas e autônomas a partir das demandas identificadas pela própria comunidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho de extensão universitária desenvolvido sob a orientação do Professor Luiz Felipe Perret Serpa (FACED/UFBA).

<sup>2</sup> Coordenadora de Campo (IPHAN) [nalvasantos@bol.com.br](mailto:nalvasantos@bol.com.br).

<sup>3</sup> Acadêmicos dos cursos de Letras, Artes Plásticas, Comunicação, Pedagogia e Psicologia, respectivamente, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

<sup>4</sup> Mestrando em Educação (FACED/UFBA)

<sup>5</sup> Este termo, inclusive na expressão que intitula este trabalho, foi sugerido pelo Prof. Luiz Felipe Perret Serpa.

Assim, priorizamos o contato com grupos mais específicos (professores, pescadores, Cia. de Dança, assentados). Muitas atividades coletivas vêm sendo desenvolvidas (oficinas de capoeira, oficinas de poesia, edição de um jornal local, criação de uma biblioteca comunitária – apoiadas pela Prefeitura de Cachoeira, trabalhos coletivos com o grupo cultural local e outras atividades).

Ao longo de quatro anos de convivência, muitas transformações ocorreram, oriundas dessa convivência. Uma delas, por exemplo, foi a fundação do Jornal Regional do Vale do Iguape, *O Iguape*, financiado, inicialmente, pelo Projeto (os dois primeiros números) e, a partir do terceiro número, assumido pela comunidade, que arrecadou recursos para a impressão – a editoração eletrônica continua a cargo do Projeto.

O jornal *O Iguape* representou uma força de coesão dos grupos humanos em torno de questões de interesse de todos. Também a *Biblioteca Pública do Iguape* tem a função de fazer convergirem as singularidades locais em prol de um horizonte coletivo. Dessa forma, mantêm-se as idiosincrasias de uma pequena reunião de fios, unidos por razões de afinidades (culturais, políticas, esportivas, econômicas, social etc.), e, simultaneamente, provoca-se alguma reflexão ou desdobramento de ação no sentido da construção da comuniversidade.

O *Projeto Paraguaçu* reside, sobretudo, na busca do estabelecimento de novas possibilidades de relação entre universidade e comunidade, desde que oferece alguns elementos para a reflexão acerca dos planos oficiais para reestruturação da Instituição Pública e, ao mesmo tempo, novos caminhos de desenvolvimento de grupos humanos.

A autonomia universitária tem sido colocada, diversas vezes, como sinônimo de “Universidade Empresarial” (venda de serviços), atrelando-se, cada vez mais, a trabalhos de encomenda, com resultados mais ou menos delimitados. Nesse contexto – que configura, sem dúvida, uma crise –, é pertinente uma proposta com esse teor, diferente das formas tradicionais de conhecimento; é significativo, também, do ponto de vista da sobrevivência da instituição, enquanto bem da sociedade brasileira.

A natureza deste trabalho tem importância para a Instituição, na medida que cria potencial para a construção de novos processos paradigmáticos para a formação profissional e para produção do conhecimento. Sob o ponto de vista social, no momento que se colocam as questões de cidadania e de desenvolvimento humano, a ênfase passa pelos processos sociais que promovam o surgimento de novas subjetividades, ponto de partida para o desenvolvimento desses grupos, considerando os valores contidos nos seus modos de vida.

As vivências do Projeto Paraguaçu nesses três anos (agosto/99 a junho/ 2002) mostraram a complexidade da organização das comunidades: as conversas, as entrevistas, as tentativas de ações conjuntas nos mostraram faces surpreendentes desses grupos humanos, pois a compreensão inicial do seu cotidiano tinha derrubado qualquer mito de coesão comunitária.

Os momentos de instabilidade nos fizeram ter a certeza de que a comunidade não é um fio, mas sim o entrecruzamento de uma multiplicidade de fios, constituindo uma verdadeira teia. E o nosso desafio foi o de nos inserirmos nessa grande teia, que dá significado àquilo que chamamos de comunidade – no caso, Santiago do Iguape. A constituição dessa teia de relações contraria as visões ingênuas, carregadas de conceitos Iluministas e lineares, e propõe uma visão multifacetada da história, da cultura e da realidade de cada grupo humano.

O exercício de fazer parte dessa complexa teia e, com os outros fios, agregar valor humano, leva-nos a um ponto fundamental que é o da percepção e da compreensão do ambiente no qual estamos trabalhando, movendo-nos, constituindo e solidificando nossas relações. Aqui, queremos trazer a imagem do entre-lugar – aquele que não é, essencialmente, nem o lugar da Universidade e seu saber, nem o do grupo humano, em questão, e seu saber. Constitui-se numa troca entre eles, configurando um novo lugar, que enriquece ambos, já que passaram a encontrar-se em ressonância e indicam novos caminhos.

A busca da construção desses entre-lugares, de novas composições em nossa vivência e convivência com os grupos humanos da comunidade tem sido um exercício constante de dissoluções e negociações – e não de subordinação – entre saberes e discursos. Já alcançamos uma

familiaridade que nos permitiu estancar as amplas expectativas em torno da atuação da Universidade.

O percurso tem sido novo: há uma mudança de perspectiva, conseqüência dessa familiarização. Dessa forma, as nossas atividades em campo buscaram prover a viabilização de iniciativas coletivas e autônomas, a partir das demandas identificadas pela própria comunidade. Assim, os grupos humanos cujos processos identitários convergiram para uma essência comum incorporaram o espírito do Projeto Paraguaçu e já nos convocam para ações coletivas ressonantes nos entre-lugares.

Enquanto processo educativo de construção da “Comuniversidade” requer, de todos, uma aprendizagem contínua nos entre-lugares: idéias de cunho diferente, bem como a gama de material acumulado durante a convivência com esses grupos humanos, ressoaram do modo como esperávamos, apontando novos caminhos para a Universidade.

A proposta de continuidade do Projeto, por mais dois anos, agora em outro patamar, decorre do que aprendemos nesses três anos, e possibilitará a constituição da “Comuniversidade”. Essa aprendizagem consistiu em verificar a íntima relação entre as atividades de produção e as expressões culturais dos grupos humanos comunitários, constituindo o todo da teia que expressa o modo de vida da comunidade.

Assim, nossa proposta parte da relevância do modo de vida da comunidade e da necessidade da Universidade aprender a vivenciar e compreender essa dinâmica: religiosidade, expressões corporais da dança e da capoeira, prática da música de percussão, bem como atividades produtivas em torno da pesca artesanal, da mariscagem e do dendê – esses elementos formam uma teia que só poderá desenvolver-se como um todo, pois são constitutivos dos modos de vida comunitários.

## **OBJETIVO / METODOLOGIA**

Como já apontado, o Projeto Paraguaçu se fundamenta na criação de entre-lugares ou espaços de convivência. A imagem do entre-lugar traz a idéia daquele que não é, essencialmente, nem o lugar da Universidade e seu saber científico, nem o da comunidade e seu outro saber. Deve haver uma articulação entre eles, configurando um novo lugar, conceitual, da diferença.

O objetivo do Projeto é desenvolver, ao longo de um processo intenso de convivência, atividades de natureza diversa (implantação de uma Oficina de Construção de Barcos para a formação de 20 (vinte) jovens entre 14 e 18 anos em técnicas de construção naval em Santiago do Iguape; desenvolvimento das comunidades negras dos povoados em torno da Escola Rural local, a partir da produção do dendê; sistematizar o processo educativo de crianças e jovens em Oficinas de Dança Afro-brasileira e Capoeira; articulação da comunidade em um Arranjo Produtivo Local, de acordo com o Programa de Cooperação Científica e Tecnológica para o Desenvolvimento Regional do Ministério de Ciência e Tecnologia) – que visem à autonomia produtiva da comunidade.

Estabelecer tal objetivo como meta é tornar possível a liberdade de fomentar atividades não específicas. Isso implica em uma mudança na postura do grupo acadêmico em relação à comunidade, criando uma nova metodologia para que os processos desenvolvidos sejam efetivados, porém não necessariamente mensuráveis na "concretude" de números estatísticos.

Essa metodologia de inserção diferenciada está centrada na criação de novos espaços produtivos a partir do convívio de dois grupos humanos distintos, Universidade e Comunidade, sem que haja uma hierarquia ou imposição de um grupo sobre o outro.

Entre os aspectos positivos que essa concepção preserva destaca-se a valorização do processo histórico contínuo de formação da comunidade, o incentivo ao reconhecimento e à potencialização de seus traços de identidades artísticas e culturais (pelas próprias pessoas dos locais) e a desconstrução do traço iluminista de nossa formação educacional, o qual insiste em impor, sob a ótica de nossas “verdades”, modelos de vida, conhecimento e organização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as questões sociais emergem para um encontro com a cidadania, com o desenvolvimento humano, numa busca incessante de se construir a autoestima, o autoconhecimento e a autonomia do sujeito. Tais questões, aliadas entre si, revelarão novas subjetividades que serão pilares para a transformação social.

A possibilidade que se abre por meio do Projeto Paraguaçu é de extrema relevância para o meio acadêmico, pois apresenta novos caminhos para a universidade brasileira nas suas relações internas e no seu diálogo permanente com a multiplicidade de grupos humanos que formam a sociedade.

Essa aprendizagem tem como fundante dos processos o estado tensivo instituinte-instituído, que se caracteriza pelo enriquecimento de processos instituídos, e portanto, das instituições, e, ao mesmo tempo, pelo processo criativo de novas dinâmicas instituintes cujos autores são os múltiplos grupos humanos.

É o surgimento da própria vida, seja institucional ou de grupos humanos, nas dinâmicas dos processos, pois faz necessário compreender a vida como um estado tensivo permanente entre o infinito de possibilidades e a finitude das instituições e dos grupos humanos.

Dessa forma, por meio desse Projeto, vivencia-se e estuda-se uma grande riqueza de processos e caminhos propriamente humanos, considerando-se a necessidade de humanização das instituições e do reconhecimento da humanidade dos grupos humanos.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas/SP: Papyrus, 1994 (Coleção Travessia do Século).

BANDEIRA, Maria de Lourdes, **Antropologia Diversidade e Educação**. Cuiabá: UFMT, 1995.

DONALD, J. Liberdade bem regulada. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) **Pedagogia dos Monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 61-87.

DONALD, J. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) **Pedagogia dos Monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 61-87.

FEYREBEND, P. **Contra o Método**. Tradução de Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

GOFFMAN, Erving, **Estigma**. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

LAVILLE, Christian. **A Construção do Saber**. Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências. Porto Alegre: UFMG, 1996.

LUCKMANN, Thomas, Trad. Floriano de Souza Fernandes. **A construção Social da Realidade**. Petrópolis, Vozes, 1998.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço-técnica e Tempo**: razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, T. Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da pedagogia crítica. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Pedagogia dos Monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.